

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO, EXPERIÊNCIA E TEMPO

Rogeria Ferreira Ramos Atouguia Thompson¹

Resumo: O trabalho analisa questões relacionadas sobre memória e esquecimento, tempo e narrativa. Estabelecendo uma interlocução entre alguns autores que escreveram sobre memória social e coletiva, dentre eles, Ecléa Bosi, Walter Benjamin, Maurice Halbwachs e Michel Pollak. Debatendo a relação entre a perda da experiência e a dificuldade de manter uma narrativa, na tentativa de apontar como o esquecimento também constitui memória e de como a relação com o tempo tende a ser tratada como infortúnio e mal-estar. Vivemos a temporalidade como um mal a ser resolvido e sanado, tratando passar do tempo como algo que não controlamos e assim causamos mal. Esse diálogo entre tempo e memória leva-nos a pensar nessa passagem com outra perspectiva e tentando amenizar o mal que pensamos causar a passagem do tempo e, até mesmo, a perda de algumas memórias.

Palavras-chave: Tempo; Memória Social; Memória.

Resumé: Le travail examine les questions au sujet de la mémoire et de l'oubli, le temps et le récit. L'établissement d'un dialogue entre certains auteurs sur la mémoire sociale et collective, y compris Ecléa Bosi, Walter Benjamin, Maurice Halbwachs et Michel Pollak. Discuter la relation entre la perte d'expérience et la difficulté de maintenir un récit, en essayant de montrer comment l'oubli est aussi la mémoire et la façon dont la relation avec le temps a tendance à être considéré comme le malheur et le malaise. Nous vivons temporalités comme un mal à résoudre et remédier, le traitement au fil du temps comme quelque chose que nous ne contrôlons pas et donc nous faire du mal. Ce dialogue entre le temps et la mémoire nous amène à penser que ce passage d'un autre point de vue et d'essayer d'atténuer le mal que nous pensons provoquer le passage du temps et même la perte de quelques mémoires.

Mots-clé: Temps; Mémoire Sociale; Mémoire.

1. INTRODUÇÃO

A memória é o "espaço" onde se tecem as malhas do imaginário social, com fios soltos e atravessados de percepções, expectativas, desejos e temores. Como Penélope, que faz e desfaz os caminhos ansiosos do destino, nas tecituras de sentidos compartilhados e íntimos, o humano constrói sua subjetividade, em recíproca, necessária e inseparável relação com as redes interpessoais nas quais se insere, e das quais depende, como ser social. (Diogo Cesar Nunes)

"Foi. Nunca será de novo. Lembre". Essa frase de Paul Auster, que é a epígrafe do livro *História Oral: Memória, tempo, identidades*, de Lucília e Almeida Neves Delgado, foi escolhida para título do trabalho, por ser uma frase que permitiu duas interpretações. Em uma primeira leitura trouxe uma certa melancolia, pois passou a ideia que o "Lembre" seria um alerta de que não tornaria a acontecer o que já tivesse passado. Com as leituras dos

¹ Graduada em Psicologia (com ênfase em Psicologia Social) pela instituição UNIABEU Centro Universitário; Colaboradora da Subsede Baixada Fluminense do CRP/05; Psicóloga clínica, Psicóloga do CAPSad.

autores e avançando na pesquisa, retornando à leitura da frase, um novo entendimento surgiu, de que não tornará a acontecer, por isso “Lembre”. Temos as memórias para que algo possa retornar, deixando a frase menos pesada e retirando a tristeza da primeira interpretação. Fica como uma provocação e que cada um encontre a melhor forma de lê-la.

O objetivo deste trabalho é investigar a memória social e coletiva, não pretendendo fazer definições fechadas; cada teoria vê a memória de uma forma e tem um entendimento. Não iremos trabalhar com a memória isoladamente, mas sua construção através da narrativa e atravessada pelo tempo e pelo próprio esquecimento.

A idealização desse trabalho iniciou-se ainda nos primeiros períodos da graduação, a partir de uma inquietação e de um fascínio pessoal sobre o tempo. Pensando também se haveria tempo para realizar todos os projetos e sonhos. Tudo isso aliado às memórias, lembranças de bons e maus momentos e até mesmo à possibilidade de que pudessem ser apagadas, esquecidas, fez com que chegássemos até ao Projeto de Iniciação Científica², que tratou da memória social dos movimentos de cultura de Belford Roxo, ainda sem a pretensão de que pudesse vir a ser o trabalho de conclusão de curso. A memória é algo que encanta, assusta e inquieta. Por que lembramos? Por que esquecemos? Entender que o que esquecemos também constrói nossas memórias é confuso e intrigante, trazendo grande dificuldade e impasse na construção deste trabalho.

2. “O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA”

A fonte principal da pesquisa é o livro *O tempo vivo da memória*, da autora Ecléa Bosi, professora emérita de Psicologia Social pela USP, escritora, pesquisadora e titular do Departamento de Psicologia Social e no Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Outra autora pesquisada neste trabalho é Myrian Sepúlveda dos Santos, doutora em Sociologia e professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seu trabalho inclui artigos sobre memória coletiva, questões raciais, entre outros.

Chama a atenção logo no início do primeiro capítulo do livro, a afirmativa de que a história, como nos é apresentada nos livros didáticos tradicionais, talvez não seja tão

² Projeto contemplado pelo PIC UNIABEU: “Memória dos Movimentos de Cultura Popular em Belford Roxo” (2014–2015), em parceria com a bolsista do curso de Ed. Física Marília Figueiredo Jorge, e orientada pelo prof. Diogo César Nunes.

interessante porque não conta fatos de um “passado recente”. “Ela afasta, como se fosse de menor importância, os aspectos do cotidiano, os microcomportamentos, que são fundamentais para a Psicologia Social” (BOSI, 2013, p. 13).

E aqui já nos deparamos em um primeiro momento com a questão da narrativa, pois Bosi fala que esses aspectos eram contados através das crônicas, na Idade Média, citando alguns cronistas antigos. A história dos livros não nos atrai, parece algo muito distante e que não nos remete ao que vivemos em nossas vidas. Quando algo nos leva a pensar em nossos comportamentos diários, nos interessamos, ficando mais fácil de ser reproduzido. (BOSI, 2013, p. 13)

Durante o tempo da iniciação científica, foi possível perceber o fenômeno de atravessamento entre quem contava a história e quem a pesquisava. Estando ambos em um mesmo evento, cada um havia registrado determinado momento, determinado detalhe, que, ao ser partilhado, constituía uma lembrança maior, se podemos assim dizer. A partir desse momento, novas memórias são constituídas pela fala do outro e pelos esquecimentos também, novos elementos agrupam-se ao que já existia. “Indivíduos não recordam sozinhos, quer dizer, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência.” (SANTOS, 2012, p. 49).

Esse indivíduo, atravessado pelas lembranças alheias, as suas próprias e pelo próprio esquecimento, constitui uma memória que ao ser narrada torna o tempo vivo e humano. Pensando “a memória como uma construção social.” (SANTOS, 2012, p. 1), nos deparamos com esse indivíduo não mais isolado, mas sendo marcado na interação com outros indivíduos, que conta histórias da sua vida e que se cruzam com a história do local em que habita, trabalha ou circula. Isso era mais comum, talvez, em livros e filmes nos quais histórias eram passadas de pais para filhos e se perpetuavam por gerações.

3. MEMÓRIA SOCIAL E MEMÓRIA, IDENTIDADE E EXPERIÊNCIA, TEMPO E NARRATIVA.

Quando falamos em memória social, a “definição mais elementar” seria de que é “[...] a lembrança do passado realizada coletivamente [...]” (SANTOS, 2012, p. 12); quando ela iniciou os estudos em 1989, nem isso era conhecido. O que pode ser um problema e ao mesmo tempo um estímulo para novas formas de articular a discussão tempo, memória e narrativa, como está sendo possível apreender no decorrer deste trabalho. Há, segundo Santos, uma fragmentação teórica, observada por ela em 1998. “A impressão que temos é

que quanto mais se escreve sobre a memória, menos temos a dizer sobre ela” (SANTOS, 2012, p. 31).

Contudo, objetos diversos, como biografia, herança, arquivo, trauma, nostalgia, reminiscência e políticas de identidade, problematizam fronteiras disciplinares e tornam praticamente impossível a formulação de conceitos e métodos comuns (Ibid, p. 13).

Por isso a dificuldade de fechar uma definição para memória social, o que, a propósito, não é a intenção do presente trabalho. Como citado acima, dependendo do objeto, podemos seguir por caminhos diferentes, com bases teóricas distintas. E, pelo que afirma a autora, a fragmentação teórica permanece. “Não há uma definição simples do que seja a memória” (Ibid., p. 32), mesmo assim, é algo positivo não haver uma definição só e sim uma fragmentação de teorias e significados.

[...] a memória excede o escopo da reflexão humana, como excede a noção que temos de passado e presente, uma vez que ela tanto faz parte da existência humana, e enquanto tal não pode ter uma única definição, como faz parte do próprio cosmos. (Ibid., p. 33).

Excedendo à reflexão humana, a memória não pode ser delimitada simplesmente como rememoração de passado, reminiscências, lembranças ou como uma caixa onde todos os acontecimentos ficam guardados e podem ser acessados e reproduzir fielmente os acontecidos. A existência humana marca muitos aspectos e sensações, impossíveis de serem limitadas em uma definição. Sendo assim, a memória poderia ser também o reviver sensações, experienciar novamente e também narrar, recontar para reviver. Sem falar na construção de identidade social, relação com o outro e o meio em que vivemos.

Quando se fala em “identidade”, vamos até Michael Pollak (1992, p. 5) em *Memória e identidade social*, que diz que a memória é “fenômeno construído social e individualmente”. Há um engano em pensar que somos constituídos somente de nossas lembranças e memórias individuais, pois o tempo todo nos deparamos com as memórias de uma outra pessoa ou grupo, que pertencem a nós também. Pollak fala em “memória seletiva”, “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (Ibid., p. 4), sendo também constituída dos esquecimentos. Não sendo, como diz o autor, somente sobre a vida física, preocupações e conjunturas nacionais podem constituir essa memória. E ele continua dizendo que isso pode ser de forma consciente ou inconsciente (Ibid., p. 5). Há um processo de arrumação: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (Ibid.). A organização de que Pollak (1992, p. 5) fala não seria a mesma organização da “memória oficial”, que tenta determinar o que

será lembrado ou não pela população. Datas oficiais, acontecimentos históricos. Entrando, assim em uma disputa por essas recordações e o que seria oficial ou não.

Segundo uma ideia fundamental de Freud, “[...] a memória e o ato de rememorar não são o desvelamento de situações originárias, primitivas, mas a reinscrição de processos passados a partir das pressões do presente” (SAFATLE, 2012, p. 204). Seria uma forma de “reorganizar o presente”, segundo Safatle, com a “integração das opacidades do passado” (ibid.), que poderíamos considerar os esquecimentos, que ficam embaçados, “opacos”.

Safatle segue falando dessa opacidade e de como as situações traumáticas são caladas por não tornarem-se presentes por completo. Segundo Freud, citado por Safatle, o que há são “fantasias sociais” que “são marcas de acontecimentos transmitidos através de gerações” (ibid.). Da mesma forma que o medo é transmitido por gerações, as fantasias também seriam, a rememoração seria “[...] rememoração de traços mnésicos reinscritos no interior de fantasias [...]” (ibid, p. 205).

Podemos aqui analisar um pouco o que diz Ecléa Bosi “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (2003, p. 53), mas acreditamos que não somente pelo tempo vivido, mas também por coisas que não vivemos e mesmo assim lembramos. Segundo Safatle, porque as memórias estão fragmentadas é o que permite o deslocamento e a condensação (2012, p. 207).

Nesse sentido, a atualização de uma lembrança nunca poderá ser a mera apresentação de um conteúdo previamente arquivado. Ela é a construção de um sentido a partir das exigências do presente (ibid.).

Por isso não pode tratar-se tão somente de coisas vividas, pois se o presente mesmo exige um sentido, ainda não aconteceu. Como explicar as memórias de algum evento em que não estávamos presentes? Lembranças de rostos, de pessoas que não vimos?

Voltemos a Pollak (1992, p. 2), que chama isso de “vivido por tabela”, ou seja, “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”, mas, mesmo sendo vivido “por tabela”, não deixa de ser memória e é tão válida quanto a outra que pode ter sido vivida. Pollak fala também em “memória herdada” (ibid.), uma identificação grande que é impossível que a pessoa não se lembre como sendo dela mesma tal memória.

Pensando mais uma vez na questão da construção de identidade, o autor recorre à psicanálise e cita três elementos essenciais para essa construção (POLLAK, 1992, p. 5),

que seriam a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. Esta unidade física diz respeito aos limites do próprio corpo e fronteiras dos grupos. O tempo relaciona-se não somente com o tempo físico, cronometrado, mas com o tempo psicológico, e a coerência sobre sermos formados por elementos unificados entre si.

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentido de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de grupo (Ibid.).

Mesmo sendo esse sentido de “continuidade”, a memória não pode ser compreendida como propriedade intrínseca da pessoa, sendo a identidade constituída também pelo outro. Como já apontado, a construção da memória passa por essa interação com o outro, não sendo algo da individualidade que é tão acionada nos dias atuais. Essa constituição de memória coletiva passa pela narrativa de um e outro, tornando, assim, essa memória como algo a ser compartilhado na forma de experiência vivida, não se tratando somente de um recontar acontecimentos do passado, como já foi dito anteriormente (Ibid.).

No texto de Walter Benjamin, *"O narrador"*, presente no livro *Obras Escolhidas I*, o autor fala em como somos assolados por notícias do mundo inteiro, o tempo todo. Benjamin escreveu sobre isso em 1930, o que atualmente foi potencializado pela internet. As manchetes de jornais já passam toda a notícia, não sendo necessário ler mais nada.³Benjamim ressaltou que “Basta olharmos um jornal para nos convenceremos de que seu nível está mais baixo que nunca [...]” (2012, p. 214). A informação chega a uma velocidade estonteante, quase ao ponto de ao acabarmos de ler uma notícia e atualizarmos a página do jornal *online*, ela já tenha se modificado. Tudo já chega “impregnado de explicação” (Ibid., p. 219), em poucas palavras explica-se tudo. “Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação” (Ibid.).

Seguindo nesse texto, o autor diz que o narrador é figura distante e que se distancia cada vez mais (2012, p. 213). Não encontramos mais quem saiba contar uma boa história, tarefa difícil. O autor atribui isso à falta de experiências. Comparando o narrador a um artesão, que conta as histórias e elas nunca saem iguais, bem como às peças artesanais. Cada uma tem uma particularidade, sendo também influenciada pelo ouvinte, a narrativa

³ Podemos citar os tabloides sensacionalistas. Com uma frase resumem a notícia ou escrevem matérias breves, de rápida leitura. Observamos que dificilmente as pessoas atem-se aos textos longos, seja em jornais, revistas ou redes sociais. Passam direto, não toleram uma narrativa mais longa. Assim também não conseguem contar uma história. “O homem de hoje não cultiva mais aquilo que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 2012, p. 223). Abrevia-se a narrativa e vive-se sem a experiência.

pode ser modificada, sem perder seu sentido. "Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas" (Ibid., p. 221).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência como forma de transmissão de saber – assim é pensada por Benjamin –, não somente como visitar um lugar e ver o que lhe aparece, mas no sentido de experienciar, experimentar. "Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?" (BENJAMIN, 2003, p. 124). Como já foi citado anteriormente, a informação rápida e objetiva e a aceleração nos impedem de viver uma experiência. Seja ela com a cidade, com a nossa memória e mesmo com a cultura. Recebemos também a arte mastigada, excessivamente explicada. Quem mais se ocupa em apreciar uma obra por muito tempo? Tiramos fotos, mostramos que estivemos na última exposição badalada da cidade e não temos uma experiência com o local, com as pessoas a nossa volta. Não podemos, dessa forma, criar uma narrativa, não há memória, há fotos e registros. Talvez, dessa forma, fosse possível "capturar" o tempo e evitar sua passagem, tida como algo ruim, um mal, um infortúnio, mas nem bem assim, pois, como escreve Nunes,

A experiência acontece "no tempo", mas não se confunde com o "passar do tempo", ao contrário, através da memória e da narrativa (ou do caráter narrativo da memória), a experiência preenche o tempo do acontecimento de qualidades. Em outros termos, o "tempo" da experiência é aquele que, de modo algum, cabe num dispositivo quantificador (2016, p. 16).

Esse tempo da experiência não pode ser capturado por relógios e calendários, precisa ser "experienciado", sofrido, não como algo dolorido, difícil, mas como algo a ser experimentado, vivenciado.

Somos seres temporais, discussão levada à frente por Nunes em seu artigo "Tempo e mal-estar: notas introdutórias sobre o infortúnio". Nele, o autor começa pela frase de Sartre "*Le malheur de l'homme est d'être temporel*" (O infortúnio do homem é ser temporal.) e podemos perceber que não há outra forma de ser. Nessa condição, diz o autor, "o homem 'sofre o destino' de forma linear e não normativa, ou seja, de forma imprecisa e imperfeita" (NUNES, 2016). Essa condição, segundo o artigo, é o que produz experiência. Sofrer o tempo, sofrer a passagem do tempo produz experiência. Algo que, como temos visto, tem se esvaziado em nossos dias.

Corremos o risco de tratar a passagem do tempo como doença, queremos medicar ao vivenciar as experiências que precisamos ter com essa passagem. Ao perder um ente

querido, há um sofrimento, uma dor que se explica pelo tempo de convivência, pelo amor, pelo carinho. Natural que haja choro e tristeza, mas hoje não toleramos mais isso e preferimos utilizar um comprimido que nos suprima esse momento de dor. O mesmo acontece ao fim de um relacionamento amoroso, de uma amizade, à perda de um emprego, de um bem material. São experiências de vida, de dor, de tristeza, mas que nos dão algo para contar. Criam narrativas. Se simplesmente deixamos de sentir por ser mais fácil, estamos nos negando a condição de ser temporal e que experiencia a vida e o passar do tempo.

No poema de Mário Quintana, *Seiscentos e Sessenta e Seis*, observamos um determinado comportamento diante do tempo:

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos...
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre, sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas
(2013, p. 42).

Em busca de outra oportunidade, de reviver algo, o autor não olharia o relógio, não importaria a passagem das horas cronológicas, que podem ser marcadas fisicamente. Vivemos na aceleração que não percebemos a passagem do tempo, “quando se vê...”, seguem as reticências, o que poderia ter sido. Querer outra oportunidade para voltar no tempo e viver sem olhar o relógio. Dessa vez sabendo o que fazer em não ficando sem saber aproveitar o tempo que para ou volta.

O incômodo causado pelo tempo, pode vir da falta de controle sobre ele. Algumas vezes queremos que corra, outras vezes que passe bem devagar.

Muitas vezes o tempo faz pesar sobre nós um impiedoso constrangimento, seja porque achamos longo demais um tempo curto, porque nos impacientamos, porque nos aborrecemos, porque tempos pressa para terminar uma tarefa ingrata, por termos passado por alguma prova física ou moral – ou, ao contrário, um período relativamente longo nos parece curto demais, quando nos sentimos pressionados e apressados, tratando-se de um trabalho, de um prazer, ou simplesmente da passagem da infância à velhice, do nascimento à morte (HALBWACHS, 2003, p. 113).

O autor diz que a forma de divisão do tempo é resultado de “convenções e costumes” (Ibid.); mais uma vez temos o outro como referência. A vida em sociedade e as suas

convenções nos levam ao cálculo do tempo da forma que conhecemos. Halbwachs, citando Durkheim, aponta que “[...]um indivíduo isolado poderia ignorar que o tempo passa e seria incapaz de medir sua duração[...]” (Ibid).

Cabe aqui dizer que este tempo, que “sofremos” como mal-estar, trata-se do tempo cronológico, o que se mede nos relógios e calendários. Esse tempo cronológico é o tempo da repetição, monótono. A temporalidade é o tempo da experiência e que constitui memória e narrativa e que não pode ser capturado e nem ser confundido com “passagem do tempo” (NUNES, 2016, p. 16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política* - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 8ª Ed. Revista. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- BOSI, Ecléa. *Tempo Vivo da Memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral*: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- HALLBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2015.
- NUNES, Diogo César. *Tempo e Mal-Estar*: notas introdutórias sobre o infortúnio. Rio de Janeiro, 2016. Apresentado no Seminário Tempo e Subjetividade, em: 16/04/2016, UNIABEU, Campus 1.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.
- QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: 1 A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SAFATLE, Vladimir. *Grande hotel abismo*: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2ª edição, 2012.

Submetido: 12 de dezembro de 2016

Aceito: 11 de setembro de 2017